

Ministério da Cultura e Banco do Brasil
apresentam

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

CCBB Educativo
Lugares de Cultura

Convidamos você a esta mirada por alguns trabalhos da exposição *Encruzilhadas da arte afro-brasileira*: as obras nos cartões a seguir foram selecionadas para nos fazer pensar sobre a diversidade de linguagens e experimentações artísticas presentes nas poéticas de artistas negros, explorando características como diversidade de materiais e técnicas, cor, construção de imagem e imaginários, e o impacto dessas escolhas na construção de uma nova historiografia da presença negra nas artes visuais.

Este panorama – serigrafia, desenho, escultura, pintura, fotografia, colagem digital, performance, *site specific*, bordados, *assemblages* – nos mostra como as técnicas elaboradas pelos artistas seguem não apenas no sentido da “arte pela arte”, mas na direção da construção de debates fundamentais, dentro da sociedade brasileira e no espelhamento desta na história da arte, e exponenciam a inteligência africana da qual eles são herdeiros nas artes.

Importante dizer que esta exposição evidencia a autoria em um recorte da sociedade, isto é, no campo das artes visuais. No entanto, sugerimos que você possa traçar pontos de encruzilhamento entre outros campos das artes e de saberes. Na música, dança, na medicina, engenharia, política, educação, no teatro, e principalmente ao seu redor, isto é, no lugar onde você vive: quem são as referências negras que habitam seu bairro, sua cidade, sua casa, sua escola?

A presença negra é presente e está em todos os lugares de cultura. E, se foram silenciadas ou reduzidas a estereótipos, nas encruzilhadas da história, pessoas negras transformaram marginalidade em protagonismo. A arte tornou-se território de falar em primeira pessoa, mesmo quando os saberes africanos dialogam com as tensões do Brasil colonial e contemporâneo. A encruzilhada gera novos caminhos: entre passado e futuro, invisibilidade e visibilidade, opressão e liberdade.

A arte negra é afirmação e reinvenção, transformando dilemas em poder criativo e propositivo. As artes como encruzilhada, esta concepção negra de espaço imaginário de novos caminhos e reescrita da história da arte brasileira com pluralidade e autenticidade.

CCBB Educativo - Lugares de Cultura



RAFA BQUEER

(Belém, PA, 1992)

Licenciada e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Dragqueen e ativista LGBTQI+, seu trabalho dialoga também com vídeo e fotografia, utilizando de sátiras do universo pop para construir críticas atentas às questões da contemporaneidade. Suas práticas performáticas partem de investigações sobre arte política, gênero, sexualidade, afrofuturismo, decolonialidade e interseccionalidade.

O PESO DO ESPLENDOR

2024

Vídeo-performance, cor e som: 3' 59''
Gravação e edição: Lorena Pazzanese
Coleção da artista, obra comissionada no contexto da exposição *Encruzilhadas da Arte Afro-Brasileira*

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

Performances são ações artísticas assentadas na corporeidade do artista para sua composição. Elas acontecem durante um determinado tempo, isto é, elas são findáveis justamente porque trabalham com o agora.

Contudo, uma performance pode também trabalhar com a ideia de Presença, mesmo não acontecendo naquele instante em que estamos na exposição, isto é, *Agora e Presença* são coisas distintas, mas podem ser entrelaçadas, como neste trabalho de Rafa BQueer.

O *peso do esplendor* é multiplataforma, isto é, demanda mais de uma plataforma para continuar sendo acompanhada por nós, ou seja, precisou ser registrada, em vídeo ou foto, e também deixou vestígios de sua existência, como objeto que foi utilizado na sua realização e que carrega toda a carga simbólica da ação da artista.

Gravada no bairro do Bixiga, em São Paulo, a artista percorreu o trajeto que circundava a antiga quadra da escola de samba Vai-Vai, que sofreu um processo de desocupação forçada por conta da construção de uma nova linha de metrô. Escolas de samba são coletivos que guardam histórias de comunidades negras. Apagar esses espaços é mais uma vez impor processos de desterramento colonial a comunidades de história negra e sua população. Todo o trajeto é percorrido por BQueer trajando um grandioso esplendor que você pode observar na exposição.



RUBEM VALENTIM

(Salvador, BA, 1922 - São Paulo, SP, 1991)

Pintor autodidata, gravador e escultor. O início de sua produção compreende a década de 1940. Formou-se em Jornalismo pela Universidade da Bahia (UFBA) em 1953. Artista seminal para entendermos a História da Arte Brasileira, Rubem Valentim encontra na ancestralidade africana e no ativismo negro seus pontos de partida, analisada para além da questão geométrica que permeia sua obra, como a abstração geométrica, o construtivismo e o concretismo.

OBJETO EMBLEMÁTICO

1973

Acrílica sobre madeira

193 x 82 x 82 cm

Coleção Bernardo Paz

Crédito da imagem: Gui Caielli

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

A abstração geométrica atravessa as artes africanas, negras e afro-brasileiras, sendo reelaboradas em suportes, linguagens e períodos diferentes.

Rubem Valentim é uma referência para artistas de sua época bem como os contemporâneos, por atuar na contramão de registros que reduziam as experiências negras a um lugar de excentricidade. Pintor autodidata, gravador, escultor e ativista, alimenta suas pinturas através da geometria já presente nos simbolismos do Candomblé.

A partir da década de 1950, passa a juntar padrões geométricos, cor e narrativas, produzindo trabalhos que reúnem e sintetizam significados profundos e misteriosos, emanando uma sensação de sobriedade e equilíbrio na composição de seus trabalhos, tal qual nas artes ancestrais em que se referenciam.

Em seus totens, Valentim cria emblemas e insígnias que são encruzilhadas de encantamento entre quem já conhece os símbolos ancestrais e quem observa as imagens pelas tintas e formas.



GUILHERMINA AUGUSTI

(São Paulo, SP, 1996)

Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi selecionada ao 8º Prêmio Artes Tomie Ohtake (2022) e participou do 31º Programa de Exposições do CCSP (2021). As questões do “corpo” sob a perspectiva crítica da “diferença” é o motor em seus trabalhos, geralmente remixando o universo filosófico e estético Adinkra e signos afro-brasileiros para contestar fabulações de gênero e racialidade.

XICA MANICONGO EM ESCURO INDIZÍVEL

2023

Serigrafia silkscreen
40 x 60 cm

Coleção da artista

Crédito da imagem: Estúdio em obra

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

A serigrafia se constitui como uma técnica de reprodutibilidade, ou seja, a partir de uma mesma matriz, a artista pode imprimir diversas cópias, fazendo com que as imagens de seus trabalhos se multipliquem em vários lugares.

Nos trabalhos presentes nesta exposição, Guilhermina Augusti atende a esse caráter poético da técnica, trazendo imagens de pessoas ou fatos, a fim de disparar novas perspectivas para pensá-las.

Uma delas é Xica Manicongo, uma pessoa escravizada que viveu em Salvador e trabalhou como sapateira na Cidade Baixa, segundo registros de documentos oficiais arquivados em Lisboa, Portugal. Seu sobrenome, Manicongo, era um título utilizado pelos governantes no Reino do Congo para se referir a seus governantes e suas divindades. Dessa forma, podemos, então, traduzir o nome dela como “Rainha ou Realeza do Congo”.

Junto a um conjunto fixo de adinkras – sistema sagrado de escrita do povo Ashanti, do país Gana –, Xica e outras personagens são reapresentados a nós, com o desejo e a urgência de novas narrativas a serem registradas, abordadas e divulgadas.



SILVANA MENDES

(São Luis, MA, 1991)

Multiaartista visual, graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), participou de exposições como *Um defeito de cor* (Museu de Arte do Rio), *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (Instituto Inhotim) e *40º Arte Pará*. Utilizando lambe-lambes, colagens e o muralismo, questiona os lugares de poder na arte por meio do que considera uma “didática artística descolonizadora”.

SÉRIE AFETOCOLAGENS

2022

Impressão sobre tecido

237 x 236 cm

Coleção da artista

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

Artistas europeus durante o período colonial registravam imagens de pessoas negras e indígenas no sentido de construir imaginários sociais (ou seja, ideias que deveriam ser aceitas como bases da realidade do mundo vivido) que associassem estas pessoas a objetos ou animais. As pessoas retratadas nestas pinturas, gravuras ou fotografias não eram nomeadas, não eram pensadas enquanto sujeitos com história própria, mas como uma paisagem pitoresca do lugar. E se uma pessoa não tem nome, ela tem sua humanidade roubada.

Qual nome você daria a essa pessoa? Onde ela vive? Como ela modificou sua família e aqueles a seu redor?

Se, ao responder estas perguntas, um leve sorriso se desenhou, você se conectou a ela, estabeleceu afeto! Este é o foco da artista Silvana Mendes com a série *Afetocolagens*: através da colagem digital, a artista intervém na fotografia, inserindo imagens que estabelecem autonomia existencial, construindo contranarrativas que as devolvem ao lugar de sujeitos de suas histórias. Pessoas que são.

Descubra, na exposição, demais trabalhos que propõem a construção de histórias e memórias dignificadas sobre pessoas e a comunidade negras.



ARTHUR TIMÓTHEO DA COSTA

(Rio de Janeiro, RJ, 1882-1922)

Estudou na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, e posteriormente ingressou na Escola Nacional de Belas-Artes (EBA). Tem um trabalho com forte presença de paisagens e figuras, com destaque para os nus e os retratos. Hoje, sua produção está presente em instituições de arte como a Pinacoteca de São Paulo, o Museu Afro-Brasil e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Irmão do também artista João Timótheo da Costa.

AUTORRETRATO

1908

Óleo sobre tela

41 x 33 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil.

Doação de Benjamin de Mendonça, 1956

Crédito da imagem: Isabella Matheus

**ENCRUZILHADAS
DA ARTE AFRO-
BRASILEIRA**

Quais são as ferramentas que um artista precisa ter em mãos para ser reconhecido e ter seu nome escrito na eternidade? Ressaltamos o nome de Arthur Timótheo da Costa e sua presença inequívoca no cenário das artes visuais no século passado.

Chamamos de pincelada o modo como o pintor deixa marcada na tela a força de seu gesto, e como ele evidencia o tema representado: perceba como o gesto vigoroso de Arthur Timótheo destaca a dramaticidade das figuras retratadas, sejam elas seres ou coisas. É como um convite a ouvir o que elas têm a nos contar.

Arthur Timótheo também pintou cenários para espetáculos teatrais, então observe: a sua excelente percepção sobre as cores cria jogos de luz e sombra – como se houvesse um foco de luz em uma área da imagem, e outra área que não estivesse sob essa luz – evidenciando ainda mais a expressividade de pessoas retratadas, por exemplo.

Procure ao longo da exposição demais pintoras e pintores e identifique as suas pinceladas e o modo como utilizam a sensação de luminosidade através da sutileza ou densidade das cores e seus tons.



MESTRE DIDI

(Salvador, BA, 1917- 2013)

Mestre Didi (Deoscoredes Maximiliano dos Santos) foi artista, intelectual, educador, tradutor e sacerdote. Desde os anos 1960, têm sido feitas mostras individuais do artista, a mais recente de 2023, no Instituto Inhotim (MG), foi chamada *Os iniciados no mistério não morrem*.

OPE IYA AGBA NILÉ - PALMA DA GRANDE MÃE ANCESTRAL

1980

Nervura de palmeira, couro pintado, búzios e contas

112 x 38 x 20 cm

Coleção Bernardo Paz

ENCRUZILHADAS
DA ARTE AFRO-
BRASILEIRA

Sociedades negras, africanas e afro-brasileiras ampliam a noção de multidisciplinaridade para além das áreas de conhecimento materiais, incluindo os mistérios da vida, na dimensão a que costumamos chamar espiritualidade. Empreitadas como a criação do universo, ou de utensílios para a humanidade figuram nas narrativas sagradas como ações artísticas, e são acompanhadas por mais “linguagens”: dançar, cantar, tocar instrumentos constituem o sentido do viver e do conviver!

Os trabalhos do honorável Mestre Didi dançam entre segredo, sagrado e secular: suas *assemblages* ancestrais – que trazem elementos presentes na cultura de terreiro, como búzios, palha, madeira e contas – nos revelam o gesto condutor que transforma técnicas milenares em contemporaneidades, transformando princípios espirituais em abstrações visuais e táteis.

Filho de Mãe Senhora, Iyalasé, lèsé Orisà, uma das mais veneráveis ialorixás em Bahia, foi iniciado no culto de Egungun, representação dos ancestrais masculinos da tradição Oyó. Dedicou sua vida estudando as origens e rituais do Candomblé, tendo aprendido também a língua Iorubá.

Perceba na exposição demais trabalhos que se amparam no pensamento espiritual de matriz africana para a construção de espaços, relações e visualidades.



MASSUELEN CRISTINA

(Sabará, MG, 1992)

Graduada em Psicologia pela Universidade FUMEC e tecnóloga em Artes Visuais pelo Centro Interescolar de Cultura Arte Linguagens e Tecnologias (CICALT), em Belo Horizonte, MG. “Curar Tempo” é como denomina sua pesquisa em artes, girando em torno das etnografias do rito como tempo e espaço de desenvolvimento de símbolos, signos e das iconografias das relações corpo-território às margens do Rio das Velhas.

SARAVÁ TODOS EXÚS

2024

Giz pastel oleoso e giz de pemba sobre papel texturizado 180g

29,7 x 21 cm

Coleção da artista, obra comissionada no contexto da exposição *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

“Minha maior potência é minha mente, não tem uma área, sou eu. Minha capacidade de criar.”

Massuelen Cristina é a própria encruzilhada artística, não se agarra a linguagens artísticas, mas as escolhe de acordo com os impactos que queira causar, seja instalação, performance, pintura, desenho ou alguma outra. Além das grandes fotografias que estão na entrada da exposição, a artista também traz o trabalho “Saravá todos Exús” em que propõe a poética dos pontos riscados.

Tecnologia sagrada de matriz bantu, ou seja, originária dos povos do sul do continente africano, os pontos riscados são uma forma de criar reunião e comunicação entre as dimensões materiais e imateriais, o visível e o invisível, os ancestrais e os vivos, é expressa através do desenho de formas geométricas – pontos, círculos, triângulos, quadriláteros, estrelas e setas e outros similares.

A geometria sempre esteve presente em sociedades africanas como uma estratégia técnica para abstrair ideias através das sensações que as formas e suas características de ângulos, lados, tamanhos e direções nos oferecem.

É possível identificar a geometria ou formas geometrizadas em trabalhos de outros artistas? Eles estão expressos diretamente, ou criando pontos de encontro, ou desenhos no espaço?



MARCEL DIOGO

(Belo Horizonte, MG, 1983)

Graduado em Pintura e Licenciatura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordena o Atelier do Ressaca na fronteira entre as cidades de Belo Horizonte e Contagem, além de lecionar em escola pública. Desenvolve pesquisa em diversos formatos que atravessam a pintura, a performance, a fotografia, instalações, entre outros. Com um olhar atento, Marcel produz trabalhos de cunho político, com uma reflexão intensa sobre a violência.

BATATAS III

Série *Angoera*

2010

Óleo sobre tela

50 x 40 cm

Coleção Nydia Negromonte

Crédito da imagem: Estúdio em obra

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

Qual técnica você escolheria para retratar a realidade: pintura ou fotografia?

E, ao observar esta imagem, com que técnica ela foi criada? Se você respondeu fotografia, foi iludido pelo jogo de ironia da série *Angoera*, da qual faz parte esta pintura.

Angoera, em língua Tupi, significa fantasma, visão, imagem. Para Marcel Diogo, “os alimentos industrializados aparecem como simulacros de suas respectivas referências naturais, enquanto produtos imperecíveis constituem apenas uma parte daquilo que um dia foi um organismo vivo”.

Diogo constrói pinturas com a ilusão de um super-realismo, jogando com a ideia de que a fotografia é a realidade; fazendo com o que nosso golpe de vista as considere como verdade, e atribuindo a ideia de denúncia.

No seu *ArteVismo*, em *Angoera*, Diogo critica os direitos básicos à alimentação de pessoas negras, e a soberania alimentar, atrelando o movimento *Pop Art* e o tema *natureza morta*. Quem tem dinheiro para comprar o quê? Quantas fatias de batata criam um saco de batatas industrializadas? Como o sistema alimenta seu desejo entre a batata e a ostentação de um saco de batatas pra galera?

Exposição / Exhibition

PATROCÍNIO

BB Asset
Banco do Brasil

REALIZAÇÃO

Ministério da Cultura
Centro Cultural Banco do Brasil

CURADORIA / CURATORSHIP

Deri Andrade (Curador / Curator), Weslei Chagas
(Assistente de curadoria / Curatorial assistant)

IDEALIZAÇÃO / IDEALIZATION

Projeto Afro

COORDENAÇÃO GERAL / GENERAL COORDINATION

Tatu Cult- Equipe: Jacó Oliveira, Monique Cerchiarri,
Alinne Damasceno

PRODUÇÃO / PRODUCTION

Veridiana Simons (produção executiva / executive
production,) Automatica (produção local / local
production) Equipe: Adriana Salomão, Amauri Souza,
Lucas Alberto, Marisa S. Mello, Luiza Mello,
Paulino Costa Neto

EXPOGRAFIA / EXHIBITION DESIGN

Matheus Cherem (projeto expográfico / expographic
project), Vinicius Andrade (produção técnica e
executiva / technical and executive production),
Vitória Kawanishi (produção técnica e executiva /
technical and executive production)

MUSEOLOGIA / MUSEOLOGY

Daniele dos Santos da Silva, Luciana Christina Cruz e
Souza, Valéria Garcia Sellanes, Viviane Silveira Teixeira

CCBB Educativo - Lugares de Culturas

Sapoti projetos Culturais

COORDENAÇÃO GERAL

Daniela Chindler

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Alexandre Diniz

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Nathalia Pereira e Flavia Rocha

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO

Aleph Archanjo, Caeu da Silveira e Jade Bastos

ASSISTENTE DE MÍDIAS SOCIAIS

Amanda Mello

ESTAGIÁRIO DE PRODUÇÃO

Gabriel Rodrigues

EDUCADORES

Ana Catharina Braga, Davi Vasconcelos, Raphael Rodrigues,
Ruana Carla Andrade, Valentina Ramos e Victor Quintanilha

ESTAGIÁRIOS

Alex da Conceição Martins, Ana Carla Rodrigues, Barbara Barbosa,
Caio Vinicius, Emiliano Fischer, Ericka Devillart, Gabriela Schiavo,
Gabriele Soares, Itamar Goldwaser, Joyce Williane Rodrigues,
Manoela Carvalho, Marcos Huan, Marianna Bilotta, Mateo Tokum,
Melina Serrapio, Nalui Amaral, Philipe Baldissara e Thalles Cruz.

COORDENAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE CONTAS

Moulin Projetos e Cultura - Isabella Moulin

APOIO ADMINISTRATIVO

Matheus Mello

FINANCEIRO

Hugo Nascimento

Caderno Educativo

PESQUISA E REDAÇÃO

Tatiana Henrique

EDIÇÃO

Daniela Chindler

DESIGN

Giovanna Cima

REVISÃO

Sol Mendonça

CCBB Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66 Centro,
Rio de Janeiro- RJ

Informações: (21) 3808 2020 |
ccbbrio@bb.com.br

Horário de funcionamento: Quarta a segunda:

9h às 20h Terça: Fechado Entrada gratuita

Agendamento de grupos:

agendamento.rj@programaccbbeducativo.com.br

[f/ccbb.rj](#) [@ccbb_rj](#)

[X/ccbbrj](#) [/ccbbcultura](#)

Central de Atendimento BB: 4004-0001

ou 0800-729-0001 **SAC:** 0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala: 0800-729-0088

www.bb.com.br/cultura

Ministério da Cultura e Banco do Brasil apresentam

ENCRUZILHADAS DA ARTE AFRO- BRASILEIRA

CCBB Educativo - Lugares de Cultura



Lei de
Incentivo
à Cultura
Lei Rouanet

Produção

Apoio Institucional

Educativo

Patrocínio



Realização

PROJETO
AFRO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

